

Mundo das Aves

Curioso bando de diferentes aves

Com integrantes que podem pertencer a mais de 20 espécies de aves, esse grupo “varre” todos os estratos de vegetação de uma área, em busca de alimentos. Pode até parecer um agrupamento caótico, mas não é. Uma ave líder é seguida fielmente pelas demais, não importa a qual espécie pertençam. Conheça essa associação complexa, indicativa de boa preservação das áreas onde ela ocorre

Por LUÍS FÁBIO SILVEIRA

Quem nunca caminhou por uma trilha nas matas de terra firme da Amazônia é capaz de imaginar que presenciará um desfile ininterrupto de aves e de outros animais, imagem reforçada pelos documentários na televisão. A realidade, entretanto, é um pouco diferente. Logo depois dos cantos em profusão ouvidos no final da madrugada e nos primeiros momentos da manhã, é possível passar algumas boas horas ouvindo apenas um bicho aqui e outro ali - o tédio e o calor tendem a tomar conta, deixando tudo em estado de torpor.

Banquete comunitário

Mas, subitamente, você pode se ver no meio de uma das mais interessantes e complexas associações dos ambientes tropicais: o bando misto de aves. Formado por duas ou mais espécies, esse tipo de grupo é especialmente bem conhecido na Amazônia, embora possa ser observado em outros biomas, como o Cerrado, a Caatinga e a Mata Atlântica.

Frequentemente, mais de 20 espécies integram um bando misto na floresta amazônica de terra firme. Observar o fenômeno é, ao mesmo tempo, um deleite e um desafio. Imagine a floresta como uma grande e complexa coluna que vai do solo até a copa das árvores, rica em frutos e em larvas, aranhas e uma imensa variedade de insetos presentes nos amontoados de folhas secas, nas pontas de galhos, nas bromélias e nos cipós. Trata-se de um banquete com alimentos de diferentes cores e tamanhos, a ser descoberto e usufruído pelos integrantes do bando.

Intensa atividade

Dezenas de aves procuram por comida com empenho, cada uma à sua maneira. Entre elas, por exemplo, é possível encontrar várias espécies da família dos Arapaçus (Dendrocolaptidae) escalando as superfícies verticais dos troncos em busca de insetos escondidos sob suas cascas. Apesar de todas terem plumagem semelhante, o bico difere na forma e no comprimento, adaptado a um tipo específico de alimento. No mesmo bando, alguns Limpa-Folhas e outras aves da família do João-de-Barro (Furnariidae) podem estar procuran-

Bando misto – alguns integrantes



Oscar Abeneir Fenait



Robson Czaban



J. Augusto Alves



Anselmo da Fonseca

Líderes típicos de bandos mistos

Cigarra-do-Campo



Eduardo Pio Carvalho

Tié-da-Mata



Nicolau Thomson

Ipecuá



João Quental

Bico-de-Pimenta



Fabrice Costa

do insetos sob folhas verdes e nos galhos, enquanto os mais variados Papa-Formigas (família Thamnophilidae), com 8 a quase 30 centímetros de comprimento, se distribuem desde as proximidades do solo até a copa das árvores mais altas, cada um buscando insetos no estilo típico de sua espécie. Para completar o cenário, aves que se alimentam de frutos, como Sanhaços, Saíras, Anambés e Capitães-de-Bigode, acompanham o bando e, eventualmente, capturam algum inseto que escapou de aves insetívoras mais descuidadas.

Líder nato

À primeira vista, o bando misto pode parecer uma organização sem qualquer estrutura, com aves agregadas aleatoriamente em torno de alguma fonte alimentar. Mas uma melhor observação permite perceber

que há, sim, um líder no bando. Essa ave, em geral pertence a uma espécie cujo canto, além de ser reconhecido pelos semelhantes, é identificado pelas demais espécies. Algo como um finlandês que é perfeitamente entendido e seguido por japoneses, brasileiros, australianos e, por que não, por argentinos também.

Quando num bando misto há um Ipecuá (*Thamnomanes caesioides*) macho, que é um Papa-Formigas pequeno com cerca de 15 cm e com plumagem cinza, pouco chamativa, a liderança é dele. Seu canto bastante alto e ininterrupto mantém a coesão do bando misto, que o segue por toda a floresta. Por isso, se você identificar o Ipecuá num bando, bastará segui-lo para poder apreciar calmamente todas as aves do grupo.

Curiosamente, na falta do Ipecuá, a lide-

rança do bando misto cabe ao Tié-da-Mata (*Habia rubica*), pertencente à família *Thraupidae*, a mesma que abriga os Sanhaços e as Saíras, muito distinta da dos Papa-Formigas.

Mais interessante ainda é ver a separação temporária do bando, à noite, quando cada integrante vai dormir no seu ponto preferencial da floresta. No começo da manhã seguinte, as aves que fazem parte do bando, ao ouvirem o chamado do líder, vão até onde ele está e se reúnem novamente à volta dele, para reiniciar a “varredura” em busca de comida.

Na Mata Atlântica, esses agrupamentos não são raros e costumam contar com a liderança de um Ipecuá ou de um Tié-da-Mata, dependendo da localidade. No Cerrado, os bandos são liderados por um Bico-de-Pimenta (*Saltatricula atricollis*) ou pela Cigarra-do-Campo (*Neothraupis fasciata*), duas espécies que consomem principalmente frutos e sementes.

Indício de preservação

É interessante especular sobre a origem dessas agregações. Alguns autores defendem a hipótese de que, em bando, a quantidade de aves permite manter uma vigilância mais eficaz contra predadores, garantia de maior segurança durante as atividades de alimentação (muitos olhos observando em várias direções). Outra corrente defende que diversas espécies reunidas conseguem aumentar a eficiência para conseguir alimento, já que os nichos alimentares são explorados com maior eficiência por cada espécie. Muito provavelmente, a origem dos bandos está ligada a uma combinação de ambos os fatores.

Identificar todas as aves de um bando misto toma bastante tempo e causa dor no pescoço do observador. Mas é, sem dúvida, uma das experiências mais instrutivas e divertidas que podemos ter nas florestas brasileiras. A presença desses bandos numa área sugere que ela está bem preservada, já que as interações entre os indivíduos e a procura por alimento nos vários estratos da mata são complexas e dependem de uma boa estrutura da floresta. Não é por acaso que a presença desses bandos é considerada um indicador da boa conservação do ecossistema onde se encontram.



Luís Fábio Silveira é professor do Departamento de Zoologia da Universidade de São Paulo, com doutorado em Ciências Biológicas (Zoologia); curador associado das coleções ornitológicas Museu de Zoologia da USP; editor-chefe da Revista Brasileira de Ornitologia; membro do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO); pesquisador associado da World Pheasant Association (UK); autor de oito livros sobre aves e de dezenas de artigos científicos publicados. • Pesquisa de imagem: Angela Finocchiaro.